

9

Principal
ventura

In memoriam



HOMENAGEM

À MEMORIA DO

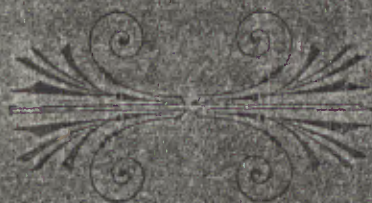
D. Henrique de Barros Lima

falecido em Espozende a 6 de Outubro de 1924.

Numero unico comemorativo do 30.º dia do seu falecimento

Se ha um meio de vencer solidamente para o morto e para a
miserdade e edificar sobre a virtude se ella e prante depois de
Deus e as obras em que ella mette a mão são obras mortuos.
A morte passa por ella desatendida, o tempo inclina-lhe a varanda
de trechos empedrada pelo peso das saudades e a quantidade de co-
beas como uma aeronave que hesita pouco, porque se acerta o que
escapa a hora do a nio e a fonte da morte.

SILVANA MARINHO



Edição especial d' "O Espozendense"

ESPOZENDE

1924

BIBLIOTECA MUNICIPAL

ESPOZENDE

Ass

4

o 24

A. 514. 24

In memoriam



HOMENAGEM

À MEMORIA DO

Dr. Henrique de Barros Lima,

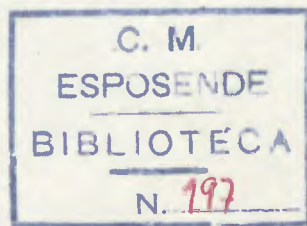
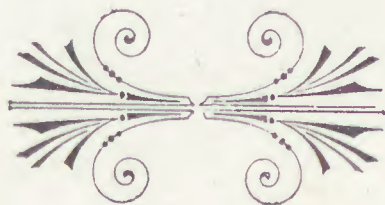
falecido em Espozende a 6 de Outubro de 1924.



Numero unico comemorativo do 30.º dia do seu falecimento.

Só ha um meio de edificar solidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude. Só ella é grande depois de Deus, e só as obras em que ella mette a mão são obras immortaes. A morte passa por ellas desordenada, o tempo inclina-lhes reverente a frente encanecida pelo gelo dos seculos e a posteridade recebe-as como uma herança que lhe pertence, porque só aceita o que escapa á lima do tempo e á foice da morte.

SILVEIRA MALHÃO.



Edição especial d'„O Espozendense“

ESPOSENDE

1924



COLABORADORES

J. Leite de Vasconcelos, Joaquim d'Oliveira, Alexandre Tres,
José de Portugal Fernandes Dias, Domingos de Figueira,
Albino Pedrosa, José da Rocha Coelho, Manuel Martins Esteira,
Heronymo Louro, João de Freitas, Antonio Alves Nogueira,
José Xavier Vaz Osorio, Mario Gonçalves Viana,
Bernardino Justino dos Santos Andrade, João Manuel Mendes,
Manuel Boaventura e a Redacção d' « O Espozendense »






Seurique de Barros Lima



HOMENAGEM

 Redacção d'«*O Espozendense*» tomando a resolução de publicar este numero de homenagem ao querido morto, o saudoso Dr. Henrique de Barros Lima, — não faz mais que cumprir um dever. Ele tinha-se imposto, pela sua personalidade moral, pela energia do seu character, e pelo simpatismo que irradiava de si. Por isso não poderia ser relegado ao olvido tão rapidamente, muito embora se diga que os mortos esquecem depressa. Não: se alguns depressa esquecem, se ha mesmo interesse em que esqueçam — este não pertence a esse numero.

O seu nome ficará na memoria, não se obliterará facilmente. A historia faz-se de bocadinhos. Esses belos trechos de prosa que conseguimos reunir, dizendo dele — não são só desabafos de amigos intimos: — panegiricos pedidos pela ocasião. São tambem, e sobretudo, notas biograficas importantes, esclarecimentos de valor para a determinação da sua personalidade na Historia.

Tinha um grande culto pela sua terra, um acendrado amor de bairrista, que poderia ser igualado, mas jamais excedido. O seu plano de melhoramentos, na ânsia de ver progredir o torrão natal — era de uma grandiosidade de visionário. — E todavia, praticavel, facilmente realisavel.

Não fosse para com ele implacavel o Destino e veriamos como muitas das suas ideas seriam um facto dentro de pouco tempo.

Fão adorava-o, olhava-o enternecidamente. Ele soube conquistar as simpatias daquele povo laborioso e bom, soube falar-lhe ao coração, com sinceridade, sem tergiversar. E assim paulatinamente os prendeu a si pelo filtro mágico da sua palavra persuasiva, pela correcção do seu impecavel proceder.

Talvez que alguns o não tivessem comprehendido: — esses poucos iam-se inteirando da verdade, iam-se aproximando dele, admirando a nobreza do seu coração e o inteiriço da sua envergadura moral — a sua grande bondade, o seu grande espirito.

Não tomaremos mais espaço aqui, nem tempo a quem tiver de ler os que dizem do sempre chorado morto, aquelas verdades que ditou o coração e o estilete gravou embutido nas lagrimas da Saudade.

A redacção d'«O Espozendense»

* * *

NOTAS BIOGRAFICAS

O Dr. Henrique de Barros Lima nasceu na vila de Espozende em 21 de Setembro de 1839. Era o quinto filho da Sra.^a D. Amelia Dias dos Santos Lima e do grande benemerite de Espozende, Manoel Antonio de Barros Lima, já fallecido, e irmão dos snrs. Dr. Ramiro de Barros Lima, medico municipal e sub-delegado de saúde n'esta vila, Dr. Arthur de Barros Lima, advogado e notario na Beira, Manoel de Barros Lima, engenheiro no Porto, e Lauro de Barros Lima, tenente de infantaria 8 em Braga, e das Srs.^{as} D. D. Valentina de Barros Lima, casada com o snr. Augusto de Barros, major d'artilharia 5, Etelvina de Barros, casada com o snr. Dr. João de Barros, medico n'esta vila, Idalina de Barros, casada com o snr. Carlos de Barros, capitão d'artilharia 5, e Amelia de Barros Lima.

Fez os seus preparatorios de admissão á Universidade de Coimbra no Collegio do Espirito Santo, em Braga, e n'aquella Universidade se formou em 1915, nas faculdades de Filosofia e Medicina. Durante a sua formatura, foi notavel a sua acção na Associação Academica de Coimbra, de que foi illustre Presidente.

Ao rebenatar a grande guerra, foi mobilisado juntamente com seus irmãos Ramiro, Manoel e Lauro e cunhados Augusto e Carlos de Barros, tendo feito parte das Campanhas d'Africa, com cuja medalha de prata foi condecorado, pelos relevantes serviços prestados

designadamente na organização e direcção dos Hospitais militares de Palma, que lhe motivaram também o ser louvado por duas vezes em ordem à força armada.

D'essa mobilização é curioso documento historico o grupo photographico a seguir inserto, pois é, sem duvida, um facto unico entre as familias portuguezas, que dêram o seu esforço à causa da guerra, o terem-se encontrado ao mesmo tempo no campo da batalha seis irmãos e cunhados.

Regressando, concorreu ao lugar do partido medico de Fão, em que foi provido, em principios de 1919 e desempenhou até ao seu falecimento.

Do que foi a sua acção social e politica durante os curtos annos que passou em Fão, melhor o podem dizer as impressões a seguir colhidas. No entanto, quanto à interferencia no desenvolvimento material d'aquella villa, é de todo o ponto digna de respeito a modificação e aformoseamento da antiga Alameda do Bom Jesus de Fão, transformando-a n'uma ampla avenida moderna e bem traçada, e tornando-a, graças aos seus esforços moraes e pecuniarios, no local mais aprasivel das duas villas vizinhas.

Faleceu, no seio de sua familia, na memsa casa em que nascera, ás 12^h do dia 6 de outubro do corrente anno, tendo momentos antes de expirar, ditado a seus irmãos varias disposições de ultima vontade, constituidas pelos seguintes donativos:

1.º—Ao Hospital de Espozende para inicio dum pavilhão de isolamento para doenças infecciosas e que se denominará «Pavilhão Barros Lima»—em homenagem à memoria de seu pai—o grande benemerito Manuel Antonio de Barros Lima—15.000\$000—quinze mil escudos.

2.º—Ao Hospital de Fão 5:000\$000

3.º—A' obra da catequese de Espozende 1.000\$000

4.º—A Conferência de S. Vicente de Paulo, de Fão. 1.000\$000.

5.º—Para a fundação de uma Conferência de S. Vicente de Paulo (assistencia aos pobres de Espozende) 5 000.000.

6.º—para a continuação das obras da Alameda do Bom Jesus de Fão—1.000\$000 (alem de oferecer o crédito de cerca de 2.000\$000, que há a seu favor nas referidas obras.)

Além destas, fez outras disposições de caracter pessoal referentes a donativos a fazer aos pobres de Espozende e Fão.



DR. HENRIQUE DE BARROS LIMA

De circumstancias de acaso resultou o relacionar-me eu em Agosto d'este ano no Minho, com o Dr. Artur de Barros Lima, pessoa muito ilustrada, e tão affectuosa, que logo converteu em amizade as momentaneas relações, e me convidou para ir passar uns dias com êle e a familia na quinta da Seara, em Palmeira do Faro (Espozende), convite que aceitei de boa mente, pois

d'ali poderia fazer, como fiz, centro de investigações archeologico-etnograficas e dialectais.

A' parte o proveito que tirei para os meus estudos, no qual também tem o quinhão o Museu Ethnológico, que por motivo da visita se enriqueceu de alguns curiosos objetos, confesso que visto ser o carinho da convivencia elemento importante da vida, sobretudo apreciado por quem vive triste e só (para me servir de uma frase de *Monasticon*), me ficarão sempre impressos na mente os agradaveis instantes que passei na vizinha quinta da Seara, rodeado de desvelos, e espectador da grande e consoladora simpatia com que os membros da familia, Mãe, filhos e netos candida e mutuamente se tratavam.

Ali me encontrei com o Dr. Henrique, a quem, dias depois, a morte fatalmente arrebatava, e a cuja memoria este numero se consagra. Como andava já doente, mal saindo do quarto, tive d'êles apenas escasso conhecimento directo, mas, pelo que a algumas pessoas ouvi contar, e pelas suas disposições testamentarias, publicadas na *Aurora do Lima*, sei que na vida particular considerou acima de quaisquer aspirações mundanas a prática do bem e o amor e respeito da familia, usando sempre da maior lhaneza para com aqueles com quem lidava, e que, na vida social, como médico, seguiu á risca os preceitos da deontologia. Neste momento em que uns, por afinidade de sangue, e outros, como amigos ou conhecidos, o pranteiam na terra natal, que posso eu fazer senão declarar com a maior sinceridade que me associo intimamente à angustia de todos?

Lisboa,—Outubro de 24.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.



PALAVRAS SINCERAS

Não me abandonou ainda a dolorosa impressão causada pela brutal e inesperada noticia do passamento do meu saúdoso e querido amigo dr. Henrique de Barros Lima.

Quando, em seis do corrente, o Ex.^{mo} Sr. tenente Lauro de Barros Lima, seu bom e dedicado irmão, me informou em Braga—onde me encontrava de passagem para Lisboa—do melindroso e desesperado estado da sua saúde, eu



ESPOZENDE—Rua Direita.—A' esquerda o palacete de família de Barros Lima, onde nasceu e faleceu o Dr. Henrique de Barrós Lima.

fiquei completamente succumbido, nunca supondo, comtudo, como aliás Sua Ex.^a não supunha também, que o tristissimo e cruel desenlace se daria dentro de poucas horas. Por infelicidade minha tudo se conjugou para que fôsse impossivel prestar ao illustre extincto as mínhas derradeiras homenagens! E, todavia, eu muito desejava dizer-lhe o ultimo Adeus n'um beijo fremente de amargura, e orvalhar a sua campá com lagrimas da mais profunda e infinita saúde.

—Politico sagaz e d'uma honorabilidade in-controversa, medico distincto, character immaculado, o dr. Henrique de Barros Lima, que era também possuidor d'uma coração magnanimo e affectuosissimo, deixou um amigo e um admirador em cada uma das pessoas que tiveram a subida honra e a suprema ventura de o conhecer. Ele passou toda a sua curta vida a proteger, com rara dedicação e desusado enthusiasmo, os pobres, os fracos e os humildes, e como foi sobretudo em Fão que Sua Ex.^a espalhou, com rara prodigalidade, os maravilhosos thesoiros da sua grande alma, toda a população d'aquella linda e encantadora terra minhota chóra ainda, e chorará, por largos anos, comovida e amargamente, o seu precóce desaparecimento d'esta via dolorosa, cheia de lagrimas amarissimas. Patriota insigne, o nosso querido finado, joven e vigoroso, não podia deixar de tomar parte activa na ultima guerra europeia, em que se jogaram os destinos do Mundo. Arriscou n'essa occasião varias vezes a vida nas inhospitas regiões africanas, tendo sempre deante dos seus olhos moços, como que a incital'o aos maximos sacrificios, a imagem sagrada da Patria.

Bem merece, por isso, a sua memoria esta sentida e honrosa homenagem dos seus conterraneos, e até o amoravel carinho de todos os portuguezes. Pelo menos a sua illustre e respeitavel familia, e os seus numerosos e sinceros amigos guardal'a-hão, até á mórté, dentro de seus peitos, sempre viridente como a cóma ondulante das pujantes e virginaes florestas do Novo Mundo.

JOAQUIM D'OLIVEIRA.



O Doutor Henrique

Trechos do artigo que escrevi á sua memoria no livro «Paginas da minha vida», que tenciono legar a meus filhos.

.....
Quando mergulho o pensamento na evocação da amargura infinita d'aqueles dias que precederam a sua morte, confrange-se-me o coração de tristeza e dôr...

Estou a vél-o ainda quebrantado de forças, adinamisado pelas dolencias do soffrimento, mas firme e esperançado nas melhorias.

Ouç-o na lastima da sua quietude forçada, (ele que era um escravo do trabalho), gizando ainda planos de uma vida intensa e produtiva...

Sinto-o na ternura affectiva dos seus sentimentos e admiro-o na stoica grandeza da sua resignação!...

Como roble frondoso que a tempestade açoita sem lograr a victoria de uma derrocada, a doença implacavel illaqueia-o, estremece-o, abala-o aos primeiros insultos.

E, como contra o destino fatal dos séres não ha resistencia eficaz, ele cae, mas cae devagarinho, para adormecer tranquilamente no regaço frio da Morte.

.....
.....
Quem, como eu, o viu alegre e bem disposto, na herculea presença do seu porte, destemido e rasgado nas suas deliberações, sentia-se mal olhando-o agora, na delgada silhouete do seu diminuido perfil.

Só o sorrir era o mesmo, aquele sorrir ingenuo, quasi infantil, que tao singularmente contrastava com a sua máscula figura, e que era um attrativo para as crianças que delle se abeiravam confiadas, sem o temor que lhes é peculiar na presença de um desconhecido.

.....
.....
Com que saudade eu recordo aquellas tardes de convívio fraternal, apóz a labuta do dia, nos parcos momentos que lhe sobejavam da rápida visita a sua Mãe, que ele estremezia sem ba-lafas exhibições de ternura!

Às vezes eram desabafos d'amigo; a incerteza do restabelecimento de um doente grave,

o possivel logro de um projecto de uma obra util, por via de auxilio alheio, que a sua bolsa minguada por frequentes benemerencias não podia supprir.

Ous, vezes, (e quantas vezes!)—espraiamos o espirito pelos céos da fantasia, sonhando ventos que com ele morreram, archititando esperanças que com ele se sumiram mirradas e desfeturas trêva tumular.

O autor Henrique soube, como poucos, haurir das suas excepçõaes facultades de iniciador e executor, o maximo de energia em prol da terra que viveu. A sua individualidade destacava-se na gestão de tudo que trouxesse um pouco de engrandecimento á terra que lhe foi herdeira e tumulo. Inimigos não os teve na accepção vulgar do terino.

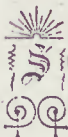
Tenham os diversos como todos os grandes homens, para melhor realçarem a sua estatura moral. Erouna na posteridade pelos seus proprios meitos. Mal cerrados ainda os olhos, donzê ha tempo parecia irradiar a profética tristeza da morte que o espreitava, já o povo humilde mas justo e sincero nas demonstrações do seu affecto, elevava a memoria do seu nome na clamorosa do mais puro sentimento de lucto.

E na manhã chuvosa e pardacenta do seu funeral, quando o ataúde que lhe guardava os despoços se guia, entre as lagrimas da multidão que povoava as ruas do trajecto e o perfume das flores e o frio do outomno não crestára ainda, para o campo do silencio onde todos sam eguaes, a misteriosa transformação da materia, até o sol suspendendo a pesada atmosfera que lhe baciava o rosto, veio, numa extranha revelação divina, nas quentes scintilações da sua luz immensa, a suprema consagração de um derradeiro adeus.

Espreitade—1924.

ALEXANDRE TORRES.

HEROE.



Submette-se a morte á vida com a invariabilidade das oscilações dum pendulo.

Morreu, talvez, para viver...

E sem embargo do feito, ninguem se amolda á vida da morte, sem que o sentimento se levante como um raio de revoltado.

Com a morte perdem-se as esperanças, liquidam-se todos os momentos, dissipam-se todas as aspirações—para-se para sempre, no espirito que a sófre, luz fulgorosa da vida!

Um bilhete é o portador de realização d'uma esperança, a mão misteriosa que despeja luz a jórros em momentos da vida; mas quantas vezes—quantas!...—deve leva ao desalento provocado pela noticia da morte!

Foi por um bilhete que me conheci o da morte do Dr. Henrique Barros Lima. Simultaneamente e muito me perguntei: pode ser?! Eu, que o vi e me ceu um vencedor?! Mas convencido do facto (môrto para todos) remontei, num divagar dôso, e triste, á occasião em que o conheci primeira vêz. Foi em Forjães, lembro-me de n'uma romaria de junho, em 1922, entre a alegria do campo e as reboadas da festa. Era comunicativa e generosa n'um corpo que tinha força e vida; espirito claro aliado a um consciencia bôa. E desde então me dei com a sem que lhe observasse um gesto fugidio que derasse no minimo o meu primeiro conceito. Conheci-o e observei-o ainda na phase paratoria do seu mal, e então o seu espirito, antes o consumir do corpo, realçava de belêza. Contaram-me depois, n'uma recordação saudosa amigos seus, da forma como se finou, e em ouvindo-os, meditava num raciocinio doloroso e chamava-lhe intimamente—heroe.

Outubro de 1924.

J. PORTUGAL.



NA MORTE DE HENRIQUE BARROS LIMA

Andar alguém na Terra, espalhando a bondade e a beleza—é fixar um ideal, é ter uma razão de viver!

Ir pela vida fora—peregrinação tão leve affinal—em generosa estima e leal camaradagem, ser-se mensageiro do bem.

Quando a vida do homem é levada, destsorte, em gestos de abnegação e altruismo, chama-se divino instante, e o seu brilho é semelhante a um resplendente mas fugidio meteoro, machado em bronze sonoro no relógio gigantesco da eternidade!



Da esquerda para a direita: major Augusto de Barros, Capitão Carlos de Barros, engenheiro Manuel de Barros Lima, Dr. Ramiro de Barros Lima, tenente Lauro de Barros Lima, e Dr. Henrique de Barros Lima, no momento de serem mobilizados para a grande guerra.

Se alguém assim passou a existência, cantando hinos de solidariedade, derramando — ás mãos cheias — o bálsamo que amortece a dor humana, então, a nossa hora é de saudade, e devemos inclinar-nos, em respeitosa homenagem perante quem de tal modo procedeu durante a vida, dizendo simplesmente: — dorme em serenidade, ó santo caminheiro do bem...

Barcelos.

DOMINGOS DE FIGUEIREDO.

NÃO ESQUECES!...

Ao Dr. Henrique de Barros Lima

Ha, no dizer da Bíblia, restos mortais a quem foi prometido, apesar do tempo e da morte, um magnifico destino. Restos bemitos que guardam no seu eterno sono um caracter sagrado e que depois de terem sido encerrados ha longo tempo nas sombras do tumulto, ainda solicitam os olhares, os respeitos e as homenagens das gerações que se vão succedendo. Eis um destes! Não esquecerás! Não cairás no olvido! E não será todo aquele aparato e brilho do teu funeral, aquela affluencia nunca vista, aquele movimento de toda esta vila, Fão e o resto do concelho, que te hão de fixar em caracteres indeleveis na memoria dos presentes e vindouros, mas sim a tua alma toda feita de bondade, tão rica dos mais peregrinos dotes e tão adornada das mais preciosas qualidades.

Não te esquece a familia que te idolatrava, que ainda não crê que a morte te roubasse aos seus carinhos, mas sim que te espera ver entrar de momento a momento vindo de junto dos enfermos onde ias levar o alivio e a esperanza.

Não te esquecem os numerosos amigos que tanto admiraram a lhanesa do teu trato, os fulgores da tua intelligencia, a tua alma tão franca, generosa e tão dada.

Não te esquecem os enfermos para quem a tua afabilidade e os teus sorrisos caracteristicos de bondade eram já meia cura.

Não te esquecerão jamais os pobres e as crianças, os velhos e entrevados, porque tiveste Caridade. *E Caridadel...*

Palavra tão doce como um suspiro de brisas, tão harmoniosa como notas divinas, tão suave como a voz da innocencia. *Caridadel Poe-*

ma de ternura, clarão de esperanza, ninho de gloria na corôa do justo e diadema de purêsa na fronte da virgem, — tu a exercestes e dela nos deixaste o melhor dos exemplos e a mais proveitosa das lições.

Não te esquecerão as crianças, porque as lembraste ao transpor o lumiar da eternidade. Quizeste contemplar a obra da Catequese para melhor atrair a infancia aos redentores principios do Divino Jesus; é justo que ella agora saiba tambem juntar as suas niveas mãos para rogar ao Senhor pelo aumento do teu bem eterno.

Não serás esquecido dos pobres e entrevados. É a gratidão que o exige. Foste generoso para com eles! Terás de ser lembrado quando os associados da Conferencia de S. Vicente de Paulo entrarem no tugurio do pobre para deixar cair a esmola na mão do indigente.

Não te esquecerão os dous hospitais de Espozende e Fão que te contarão em o numero dos seus bemfeitores e se honrarão em ter o teu retrato na extensa galeria dos heroes da caridade.

Tudo me está a dizer que és um privilegiado da campa, para quem a morte suspendeu o seu trabalho de destruição e o tempo o seu implacavel esquecimento.

Dizias ao expirar e com amor, que a todos levavas no coração. Pois tambem ficaste envolto na mais profunda e pungente saudade no coração dos que te viram partir.

Não se apaga, amigo, a tua memoria e sempre te lembrará o humilde autor destas linhas a quem tanto edificaste no teu passamento.

Espozende, Outubro de 1924.

P.^o ADELINO PEDROSA.



PALAVRAS D'UM COMPANHEIRO

A morte de Henrique de Barros Lima foi para mim uma bem dolorosa surpresa, ainda que eu o soubesse doente. E tão grande foi ella e tão rude o golpe soffrido, que me tem sido difficil aceitar-a como verdadeira. Mas por muito que queirâmos iludir-nos, não é possivel, pois perante a fria realidade da morte não ha illusões!

Ao saber d'ella fiquei com o espirito tão aturdido e com o sentir de tal forma amarfau-

do, estado este de que ainda me não libertei, que não atino com o que dizer a seu respeito tendo tanto e tanto que dizer. Se as lagrimas suprissem as palavras, ser-me-hia bem facil encher muitos volumes em sua homenagem.

Eu tinha por Henrique Barros Lima uma afeição especial e particular amisade, creadas e cimentadas numa convivencia intima e demorada de quatro anos na melhor fase da nossa vida. Esta convivencia fez-me conhecer quanto valia pela sua bondade, sem limites, pela sua sólida intelligencia, vontade firme e são character.

Desde muito novo que se revelou duma estrutura moral invulgar.

Conheci-o no Collegio do Espirito Santo embora ligeiramente, mas sabia o quanto ele era estimado desde os professores e alunos até aos empregados. Mais tarde quiz um acaso feliz que eu fosse companheiro dele em Coimbra.

Quando eu fui matricular-me em Direito, chefiava ele uma «Republica» de notaveis tradições do meio academico, já conhecida pela «Republica dos Barros Limas» pois dela haviam feito parte os tres irmãos já então formados, restando ainda dois. Ração havia pois, de sobejo, para que assim fosse conhecido, tanto mais que todos esses cinco irmãos contribuíram, e bem, para, com a sua intelligencia e vontade, lhe dar prestigio e renome.

Fui admitido no seio da «Republica» que era uma verdadeira familia e jamais esquecerei esse tempo saudoso e de alegre viver. Embora a direcção e governança desta pequena familia pertencesse *de direito*, em cada mez, a um dos seus membros, o chefe, *de facto*, era, como já disse, o nosso saudoso Henrique. E era bem o chefe, impondo ordem e disciplina, a quem todos nós obedeciamos sem relutancia, antes com prazer. Todos lhe reconheciam uma autoridade que em nenhuma outra Republica teria, o que creou á nossa pequena comunidade uma fama especial. Só a grande ponderação, sensatez, apumado criterio e inexcusable bondade, explicam o maravilhoso dominio que esse rapaz exercia sobre meia duzia de outros rapazes, alguns deles bem insubmissos e rebeldes. Tinha ele em cada um de nós um verdadeiro amigo; e de tal forma era a nossa afeição por ele, que a sua falta na «Republica», se fazia sentir duma forma notavel. Eu confesso que tinha por ele uma particular admiração, dados os excelentes meritos, qualidades e virtudes que durante esse tempo nele reconheci!

Do seu já grande valimento nessa época, é prova o facto de o haverem escolhido para pre-

sidente da Associação Academica numa ocasião em que esta atravessava uma crise difficilima.

Foi Henrique Barros Lima que com a sua vontade firme e criteriosa, com uma tenacidade de ferro, vencendo entraves de toda a ordem, a travéz de todos obstaculos e contrariedades, foi ele que com uma intelligentissima direcção levantou aquella agremiação do tremendo caos em que havia caído. Começou logo por estabelecer ordem e disciplina nos seus associados; procurou melhorar as condições de conforto e asseio nos diversos aposentos; prestou atenção especial a cultura fisica, creando um curso de esgrima, lucta, patinagem etc. Intensificou as obras do campo de foot-baal, dando grande incremento a dito jogo com a realização de desafios. Foi seu dedicado cooperador na reorganização do Orfeon, trabalhando denodadamente ao lado do meu condiscipulo e distinctissimo regente Dr. Elia d'Aguiar, devendo-se a ele, certamente, algumas das primeiras viagens que o referido Orfeon fez á Provincia nessa data. Assim Henrique Barros Lima se esforçou por levantar a Associação Academica de Coimbra, ao nivel proprio de tão notavel academia.

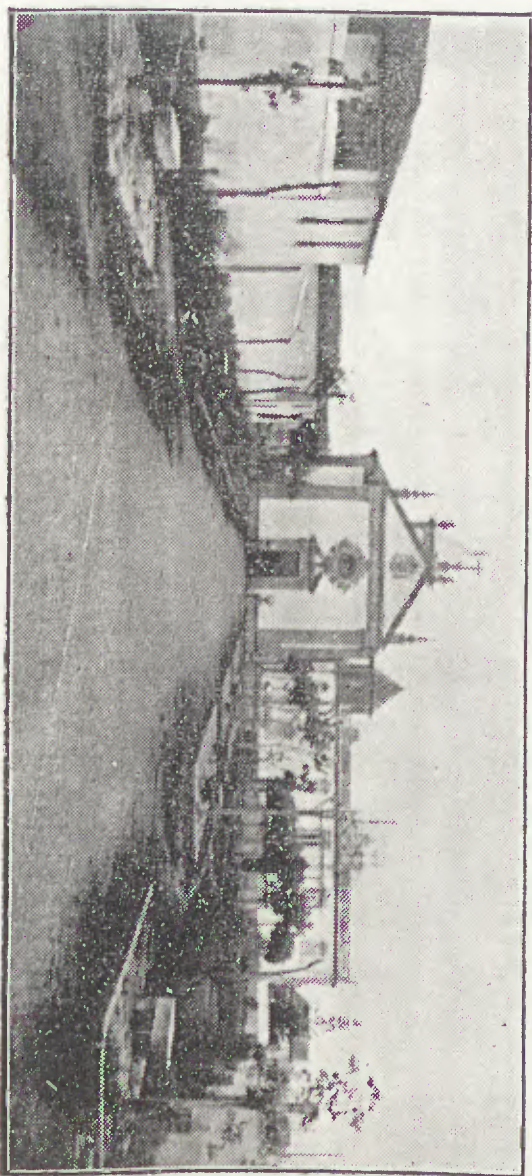
Muito mais teria que dizer deste tão saudoso e infortunado companheiro desses belos tempos que já lá vao não voltam mais, mas a recordal-os sinto uma comoção profunda que me aperta fortemente o coração, bastando bem o que dito fica para afirmar a sua individualidade.

Espozende e Fão bem devem chorar esta desastrada morte, pois afoitamente se pode afirmar terem estas duas lindas terras perdido um dos seus melhores filhos.

Sou testemunha de quanto lhes queria Henrique Barros Lima. Para ele não havia terras mais bonitas. Levava o seu bairrismo a um xagero simpático.

A ternura com que falava dos seus pescadores, do seu mar!!..

O progresso da sua terra interessava-o de uma maneira assombrosa. Acalentava ideias e esperanças que poderiam fazer sorrir algum optimico balófo, mas que maravilhava aqueles que se interessam pelo futuro de sua Patria. Lembra-me bem como a celebre questão dos «Valos de Fão» era para ele uma quasi obsessão, uma simpática mania, como nós lhe disiamos. Discutia-a, apregoava com ardor o seu futuro valor comercial e insurgia-se contra o abandono a que votavam este futuro esplendido porto abrigado, que ele considerava como o mais impo-



FÃO.—Trecho da Alameda do Bem Jesus, depois de aformoseada,
e melhorada por iniciativa do Dr. Henrique de Barros Lima.

tante melhoramento da sua região.

Era vê-lo tomar calor, entusiasmar-se, irritar-se mesmo, quando nós, para o arrelviar, lhe opunhamos argumentos a respeito dos seus planos e esperanças tocantes aos melhoramentos da sua querida vilinha. Ninguém tentasse, nem brincando, deslustra-la, porque ele, de ordinario tão brando de genio, assanhava-se em sua defeza.

.....
Mas eu esqueci-me de que tem de ter fim esta minha humilde mas sentidissima homenagem; é que falando do meu bondoso companheiro tenho a ilusão de que ele vive, e isso consola-me muito, muito! . .

Serreleis, Outubro de 1924.

JOSÉ DA ROCHA COELHO.



O AMIGO DOS POBRES

O Dr. Henrique de Barros Lima, depois de formado em filosofia e medicina, resolveu deixar o bulício da vida de Esposende, que lhe foi berço, e cuidar de prestar os seus serviços clinicos na vizinha povoação de Fão, que é uma terra d'um povo trabalhador e, como a nossa, banhada pelas aguas cristalinas do nosso poético Cávado.

Iniciou a sua vida publica como médico do partido municipal e do hospital d'aquella localidade, esse sumptuoso edificio que é o amparo da miseria e que honra, na verdade, os seus fundadores. Foi n'esse estabelecimento do Amor onde bem se salientaram as suas virtudes humanitarias.

Henrique B. Lima não nasceu em Fão, mas adoptou esta terra como sua e dedicou-lhe o seu grande esforço e talento. Era a terra de seus estremecidos avós.

Pela sua bondade, talento e consciencia foi uma das figuras mais sympathicas e distinctas do nosso meio bairrista.

Ha coisas praticadas por elle que bem denotam a fidalguia e elevação do seu character. Foi, sem contestação alguma, a individualidade primordial de Fão.

Como amigo éra d'uma dedicação extraordinaria. Prompto a servir, a sua porta estava sem-

pre aberta para receber e escutar todos sem distincção de classe social. Era o medico dos pobres. A' sua honrada iniciativa é que Fão deve os seus mais recentes melhoramentos.

Foi elle que amparou o hospital na crise tremenda que atravessamos, quem fez progredir a confraria do Bom Jesus e que, quasi á sua custa e com o seu esforço e o de alguns patriotas, aformoseou a alameda do santuario que ficou sendo o ponto mais atrahente da localidade.

Antigamente conquistava-se as esporas de cavalleiro nas pugnas sanguinolentas, no meio do fragôr das batalhas; hoje conquista-se um nome honrado e laureado, nas luctas do commercio, da industria e da sciencia, que são os principaes motôres do progresso e da civilização.

Henrique B. Lima, como medico, foi um verdadeiro sacerdote da sciencia. Tanto levava o seu saber a casa do rico como a casa do pobre.

E foi por esta grande virtude social que o povo de Fão o adorava e tinha por elle o mais profundo reconhecimento.

Antonio Veiga da Silva, o «Veiga de Fão», dotando a sua freguesia com uma linda fonte e uma estrada para o mar, que é uma arteria de progresso e desenvolvimento, foi um patriota e um benemerito eximio.

O saudoso Amorim Campos, construindo aquelle magestoso edificio, esse templo levantado á instrucção, compreendeu perfeitamente aquella maxima d'um grande filosofo alemão: «Dae a educação ao povo que eu mudarei a face ao mundo».

O popular Dr. Moreira Pinto, conseguindo a abertura da «Avenida Manoel Paes» foi um intrepido defensor das regalias dos seus comparrachianos.

O prior Gonçalo L. Cardoso Viana, legando todos os seus bens para sustentação d'esse sumptuoso hospital, teve só em vista a maxima de S. Paulo dizendo que «a caridade éra a maior de todas as virtudes».

Assim o comprehendu tambem o saudoso Dr. Henrique, seguindo piedosamente a sublime doutrina do Divino Mestre: «Amae-vos uns aos outros».

Matar a fome aos desgraçados, dar guarida á velhice desamparada e curar os enfermos é a missão mais nobre que ha sobre a terra.

Repartir a sua fortuna com os desamparados da sorte é d'um altruismo extraordinario. Até no perdoar foi grande.

Perdoou a perfidia e a ingratição que lhe feriu profundamente a alma.

Perdoou as malquerenças, os enxovalhos e os insultos contra o seu nome e contra a sua honra. Tudo perdoou. Morreu como sabem morrer os justos.

Esposende chora, repassado da mais viva saudade, a morte de seu querido filho, e, n'essa hora de luto, todos os pardidos abateram as suas bandeiras para assistirem respeitosos ao acompanhamento do personagem tam illustre que em vida se chamou Henrique de Barros Lima.

Tudo quanto havia de grande no conceito de Esposende pela sua posição, talento e fortuna, se incorporou no préstito funebre a prestar a sentida homenagem da sua saudade e da sua dôr. E esta manifestação de sentimento, como nunca Esposende teve igual, foi sincera e digna.

A grande alma do povo ia representada no cortejo por milhares de pessoas do trabalho e ainda pelos pobresinhos, para quem a vida é um martyrio, que pranteavam a perda do seu amigo e bemfeitor.

Assim passam os grandes beneméritos!...

P.^o MANOEL M. GIESTEIRA

RECORDAÇÕES

Meu Caro Amigo:

Lembrou-se V. de mim para dizer algumas palavras sobre esse belo caracter do amigo e condiscipulo que foi o Henrique de Barros Lima, pobre companheiro ceifado tão cedo na seara da vida e traçoceiramente roubado aos amigos e à sua Terra a quem tanto queria. A mim, que fui seu companheiro e condiscipulo desde a instrução primaria, no antigo Collegio do Espirito Santo, até à conclusão da sua formatura, ser-me-hia preciso muito esforço para poder descrever o que foi esse bom amigo; a occasião porém não se compadece com isso e portanto ahi vão algumas palavras de muita saudade. Foi o Henrique sempre o perfeito modelo do verdadeiro amigo e companheiro e não raro os musculos rijos tiveram de defender o companheiro mais fraco, das ameaças d'algum mais prompto em abusar dos menos fortes. Sempre e d'antemão se podia contar com o seu entusiasmo para tudo o que fosse um desejo apenas do nosso curso, o celebre *segundo ano de medici-*

na, ainda hoje tradicionalmente lembra Coimbra, como o curso mais unido da Universidade do Rei Lavrador. Mas, se o curso era, a quem se deve na maxima parte essa fama? Ao pobre Henrique que, com o seu conciliador, depressa fazia dissipar qualquer vem que vinha empanar o brilho da n'esse zude e união e que com o convite de ir para a Baixa e o seu classico bom humor mediatamente fazia esquecer o menor mostrando aos outros cursos o que contava a ser o *segundo ano de medicina*. Se pois nos da nossa formatura demos o exemplo união maxima, é a elle que o devemos.

Se elle assim era como companheiro, dizer delle como bairrista nesse tempo já?

Para elle, no mundo, tudo o que havia de belo existia então em Esposende. Era a mais linda de Portugal, mirando-se no mar pelhante rio que banha as terras de St.^a Maria e tendo uma ponte que era a mais bela e elegante que os engenheiros jamais conceberam, todo o globo. E os estaleiros de Fão? Havia empreza, por mais forte e rica, que concebiam barcos tão belos e elegantes como os mestres de Fão! Nem a casa Armstrong. Festas?! Podiam haver festas superiores ás da Senhora da Sa e Bom Jesus de Fão? Era tal o seu amor a terra natal, que tendo nós resolvido, com grande gaudio dos habitantes da Luza Athenas, fazer a nossa formatura com um autentico arranhado, logo o Henrique exigiu que o fogo fosse encomendado ao velho fogueteiro de S. Paio. Antas o maior pirotechnico do mundo para Henrique.

E em qualquer festa em que elle entrasse desde o collegio, era o fogueteiro de S. Paio d'Antas, como nós diziamos, que tinha de fornecer o fogo.

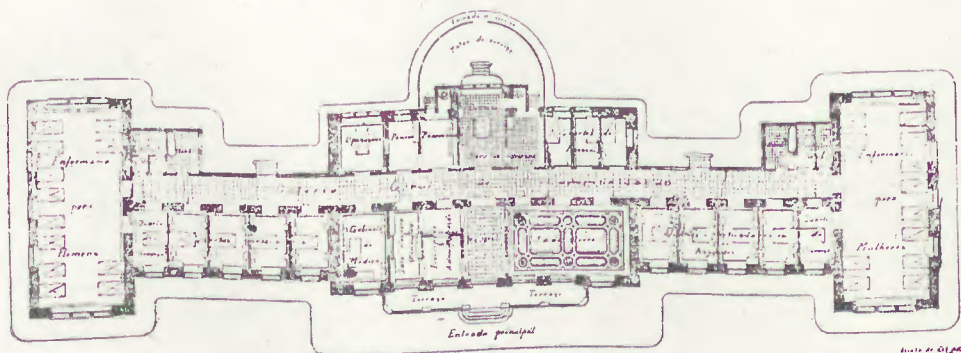
Quem o quizesse arrelhar bastava dizer-lhe que o busto de Rodrigues Sampaio, que se ergue no largo da Matriz em frente à sua casa, só era conhecido pelos garotos da terra que pedrada experimentavam se tocava a sino. Elle podia lá admitir que se tivesse essa noção dos seus conterraneos e em tão pouca conta os rapazes da terra!...

Se como estudante já assim era um coração diamantino e uma esplendida alma, o luto e choro da população inteira de Esposende e Fão, as lagrimas que eu vi correr de todas as faces, nessa apoteose que foi o seu enterro e as suas ultimas disposições, com o maior amor ditadas aos irmãos, dizem-me o que o Henrique

PROJECTO DE HOSPITAL PARA ESPOZENDE
FACHADA PRINCIPAL



PROJECTO DE HOSPITAL PARA ESPOZENDE
PLANTA



ESPOZENDE:—Planta do Hospital já construído, onde vae ser erigido
o «Pavilhão Barros Lima».

foi como medico, distincto como os que mais o são, e como bairrista e amigo dos seus conterraneos, continuou a ser.

Pobre Henrique, cujo arcaboijo herculeo não pôde vencer o terrivel inimigo que tão cedo roubou aos doentes e pobres um verdadeiro amigo, aos amigos e companheiros uma grande e bela alma e à *Alma Mater*, á sua Terra natal, o melhor dos filhos.

Descance em paz o pobre Amigo que, sendo o mais forte, tambem mais fortemente foi atacado por um inimigo que não perdoa.

Eis, meu caro, o que lhe pode dizer em desatinadas palavras um dos inumeros amigos do Henrique de Barros Lima, seu companheiro e collega.

Do Am.^e Crd.^o Obrigd.^o

JERONYMO LOURO.



Dr. Henrique de Barros Lima

Quando fogem da terra estes espiritos superiores que por muito tempo aqueceram e alumaram com sua luz guladora os progressos do povo, e o animaram nos seus desfalecimentos, parece que se sentem estremeamentos de orfandade, desagasalhos de ninho em que deixaram de estar estendidas azas protectoras, desamparos de tutela salutar.

Eduardo Coelho.

O traço mais saliente no perfil moral do Dr. Henrique de Barros Lima, era o da bondade.

Aquela multidão de mulheres do povo que acompanhou o caixão mortuario até ao cemiterio chorando anciadamente, numa despedida dramatica, não foi movida pela dôr vulgar que sentimos pela morte de um rapaz de trinta anos, mas unicamente por uma explosão intima de reconhecimento a grandes beneficios recebidos daquele que para sempre ia ser escondido sob uma pedra ria...

Tão pouco é uso do povo chorar a morte os que foram grandes na terra. Só Deus é grande! disse Massillon, e as lagrimas sinceras dos equenos são lampadas impereciveis e gloriosas ue só alumiam a campa dos bons!

O Doutor Henrique que podia ter sido um barbeta, na mais lata acepção do termo, gozando vida sem cuidados imcompativeis com a sua obustez, a sua illustração e os seus meios, passa-

va pelo contrario o seu tempo entre o povo, trabalhando sempre no exercicio de uma larga clinica, tão solícita como mal recompensada.

Nunca consentiu na actualisação dos seus honorarios, aliaz oferecida por alguns clientes, e ainda á sua custa medicava os pobres e dava avultadas esmolos. São muitos aqueles a quem ele, depois de tratar de graves enfermidades, no fim lhes pagou os medicamentos.

Por isso a homenagem grandiosa, sem par nesta terra, que se lhe prestou na morte, não foi mais que justiça ás suas virtudes, e se no mistério da eternidade o coração continua a viver de alguma fôrma, essa manifestação comovente, tributo da nossa sensibilidade, devia ter-lhe sido gratissima.

Se interrogassemos aquella legião de dôr sobre as rasões que a levaram ali, num caudal de lágrimas, a acompanhar um amigo, que para muitos fôra um pai, á imensa serenidade da sepultura, ela dir-nos-ia não ser a perda do médico querido que choravam, daquele que muitas vezes deixou o conforto de seu leito para ir suavisar as dores fisicas de adversarios que o não poupavam, mas que até esses lhe prestaram homenagem na morte; nem era a falta, nesta pobre terra hoje em luto, daquela figura máscula que, vencendo a rotina e as malquerenças, modernizou a alameda do Bom Jesus e prometia elevar a um nivel superior o velho burgo de Fão.

Não era a perda desse rapaz de triplice nobreza, pela sua ascendencia, pela cultura do seu espirito e pelas virtudes do seu coração, que aquella gente chorava em amaríssimas lágrimas.

Era a Bondade que tinha desaparecido...

Espozende—Outubro de 1924.

J. DE FREITAS.



A minha homenagem

«Bemaventurado o que pensa no pobre e no necessitado...»

Ps. XL.

O dia seis de Outubro ficará sendo, durante muito tempo, uma verdadeira data lutoosa, para o povo de Fão, que não saberá esquecer tão cedo a saudosa memoria do chorado Dr.

Henrique Barros Lima.

Rápida foi a sua passagem por esta terra, que adôtuou como sua, porque muito breves foram também os dias da sua vida, tão prematura como inesperadamente ceifada; mas grande foi a dedicação que soube conquistar d'este povo, cujo coração pôde ganhar; e Deus chamou-o para o Ceu, precisamente quando a sua alma havia sentido a grande alegria de vêr todos irmãos num grande e suspirado abraço de franca confraternisação, esquecendo-se mutuamente possíveis agravos d'um passado que todos lamentamos.

Partiu, pois, para a eternidade, sem deixar inimigos e a sua morte, que ninguém esperava tão depressa, abriu no coração dos seus numerosos amigos uma ferida profunda, que por muito tempo ha-de sangrar de dôr e saudade.

As homenagens sinceras e grandiosas, que lhe foram prestadas na sua morte, a multidão inumeravel que desfilou perante o seu cadaver e o acompanhou á sua ultima jazida e as lagrimas sentidas e constantes que orvalharam a sua urna funeraria ficarão como prova irrecusavel do muito que de todos era querido. Bem o merecia o inolvidavel Dr. Henrique pelo muito que queria a Fão, a cujo progresso e desenvolvimento votara toda a dedicação da sua alma generosa e empreendedora.

Eu quero porém n'esta minha singela homenagem, que venho prestar á sua inemoria, destacar as lagrimas que mais me impressionaram e profundamente me comoveram: as lagrimas dos pobres de Fão, que choravam a perda irreparavel d'um dedicado amigo, d'um generoso bemfeitor. Era-o na verdade, o Dr. Henrique.

A morte, que vem muitas vezes descobrir vicios recentes, vai também, não poucas vezes, publicar benemerências que a modestia e a humildade tinham escondido.

O Dr. Henrique praticava a Caridade em grande escala; mas a maior parte do bem, que fazia, só era conhecida de Deus, que havia de premea-lo e dos pobres por ele socorridos.

Na sua morte ouvi o testemunho de muitos, que comovidamente recordavam, publicando-os, os beneficios caritativamente recebidos; ouvi as lamentações de outros que pranteavam a morte d'aquêle a quem deviam tanta gratidão e nos olhos de todos vi lagrimas de muita dôr, manifestações de muita saudade e gratidão.

Era efectivamente um coração bondoso e magnanimo o do saudoso Dr. Henrique. Fazer bem era a sua grande consolação. Remediar to-

das as necessidades, de que tinha conhecimento era a sua preocupação.

E para os pobres foi muito o seu coração na sua hora derradeira. Não esqueceu na sua morte, ele que tanto cuidou dos na sua vida.

Estou para mim certo de que as lagrimas sinceras e as orações fervorosas de pobres reconhecidos deviam ser deante de Deus alguns dos melhores tesouros da sua alma, que Deus para si chamou: « Bemaventurado o que pensa no pobre e no necessitado. . . »

Resolveu um grupo de amigos e admiradores do malgrado Dr. Henrique coligir um bouquet de saudades, que fossem depositar sobre a urna, onde está encerrado o seu viver, ainda quente, no trigessimio dia da sua morte.

Convidado também a prestar minha homenagem modesta, mas sincera, eu quero oferecer o meu pobre goivo, terminando com a narração do seguinte facto, que eu não esqueço. Em certa noite, a hora adeantada, quando eu repousava já, ouvi bater á porta. Foi vêr. Era o Dr. Henrique, que vinha de prestar os seus serviços profissionaes a uma pessoa gravemente enferma e de cuja gravidade vinha informar-me, para que não faltassem os socorros da Religião. Agradei-lhe o cuidado e não era a primeira vez, nem foi a ultima que lhe devi essa atenção.

Soube, já depois da sua morte, que essa recomendação por ele religiosamente cumprida, lhe fora feita por sua Mãe.

Hoje a mesma, imersa na grande dôr, que afoga o seu coração materno, só sente alivio para a sua mágua com o pensamento da morte santa do seu idolatrado filho, que ela viu morrer, beijando affectuosamente a imagem de Jesus Crucificado, depois de ter recebido com manifestos sinais de piedade todos os sacramentos.

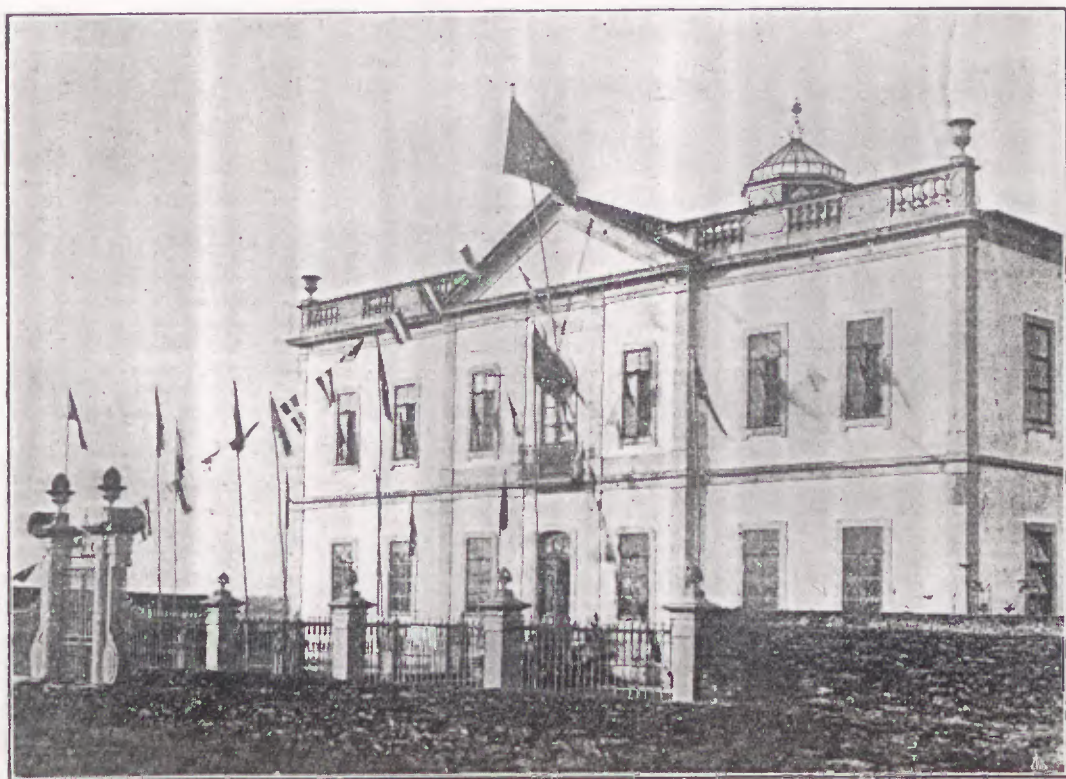
Deus tenha no ceu a sua alma.

Fão—Outubro de 1924.

P.^o ANTONIO ALVES NOGUEIRA.

Henrique Lima morreu

HA pezares que nunca o pensamento esquece, amarguras que jamais se acabam em nossos corações, quando n'ele existe uma grande e sincera afeição!



FÃO:—Hospital-Asilo, contemplado, nas suas disposições verbaes
pelo Dr. Henrique de Barros Lima.

Morreu Henrique Lima!

Inesperada a pungente noticia que profundamente nos abalou.

Henrique Lima era o condiscipulo amigo e leal dos bancos da escola, desse saudoso Collegio do Espirito Santo, onde juntos recebemos os mais salutaes ensinamentos que nos teem norteado no cumprimento do dever para com Deus e para com a Patria.

E quem diria, ao separarmo-nos em 1907 para a lucta da vida, que seria ele, pobre Henrique, o mais forte, robusto e valente do curso, vendendo saude e alegria, o primeiro a pagar o tributo á implacavel morte?!

Se a morte é sempre, pelo tremendo misterio que a envolve, bem triste em qualquer idade, mais nos enche de infinita amargura quando aniquila uma mocidade cheia de esperanças, e paralisa um coração todo bondade e ternura, a que jamais as lagrimas e affectos poderão restituir um bafo de calor.

Pobre amigo, quanta tristeza nos infunde esta desgraça irremediavel, que vem abruptamente destruir as mais risonhas e queridas illusões!

Quantos sonhos e sorrisos desfeitos desapidadamente para a ventura do lar, ontem de carinhos e alegria, hoje da soledade e amargura!

A sua alma, limpida e cristalina iluminava a sua frente de uma luz purissima, que n'ele era alegria sã e comunicativa.

O seu coração, precioso sacrario que encerrava as perolas mais finas dos seus nobres sentimentos, não se abria senão para o bem, que tudo suavisa, numa expressão sublime de bondade e amor.

Morreu o amigo querido, mas a sua memoria, pura como a sua alma, terá sempre um culto carinhoso no espirito dos seus condiscipulos e companheiros do Collegio. Poderão apagar-se no decorrer dos tempos, as letras que a mão do homem grava na lapide comemorativa, mas jamais se desvanecerá o nome que em nosso coração a saudade imprime em lagrimas.

Dorme agora, livre das ingratições da terra, e longe, bem longe, da vil intriga que tudo deturpa e corrompe, na paz eterna do tumulo; e a sua alma formosissima voou ás regiões da eterna luz, a abrigar-se no seio de Deus e a agasalhar-se debaixo das azas dos anjos.

Pobre Henrique, grande amigo, perante a tua sepultura, dobro respeitosaemente os joelhos,

num transporte de Fé, porque sou um crente, dizendo-te Adeus!

Regoa.

JOSÉ XAVIER VAZ OSORIO.



AB ORIGINE

* VIVER * * MORRER *

DE todos os grandes mistérios da Vida—o mais profundo e o mais incompreensivel é ainda a Morte.

A filosofia—orientada pela sciencia—tem procurado explicar com exito relativo—os problemas que se agitam á nossa volta. Mas nunca ninguém se atreveu a alongar a vista para além da existência, pois não o faria impunemente. Apenas as religiões se lançam abertamente na promessa duma outra vida melhor de justiça e de verdade. Mas as doutrinas que a intelligência humana arquiteta, caem umas a seguir ás outras—as religiões, desde o principio, encontram descrentes—e por sobre tudo isto, surge sempre, impassivel e tragico o espectro sombrio da Morte. O que ha depois—ninguém o sabe. E então—fica a dúvida, a incerteza a fanatizar os espiritos supersticiosos. E' um caso interessante—que, em geral, a morte vem surprehender os homens, quando menos o esperam. Por isso—foi ela respeitada desde tempos imemoriaes. Segundo a opinião de alguns historiadores notaveis—foi mesmo a morte que creou a Religião—e esta, por seu lado, as civilizações maravilhosas dos tempos antigos. Com effeito—no Egipto, misterioso, toda a sua extranha arte mística vive o enigma dessa palavra—porque tudo gravita em torno duma religião da Morte—sombria, fatalista, reverente, inexplicavel...

O homem respeita o que não entende e o que lhe parece superior—presta-lhe culto, ergue-lhe monumentos. Sempre foi assim. Nas margens do Nilo um esforço colossal levantou as Pirâmides, monumentos funerários dos Faraós e da Morte divinizada, e ainda ha pouco—violando um desses extranhos esconderijos, perante a fatalidade que prostrou o investigador,—todo o universo tremeu, vacilou—mesmo aqueles que antes sorriam perante o sacrilégio e a maldição realisada! Atravez as gerações—ha uma instin-

tiva idéa reflexa que obriga a respeitar a Morte, já que não é possível evita-la. Artemisa II, rainha de Halicarnasso, mandou construir um tumulo magnifico, uma das sete maravilhas do mundo, para guardar aquele que em vida tinha sido seu marido, o rei da Cárta, Mausolo—donde o nome de mausoleu, agora dado aos monumentos deste género, de grandioso fabrico... Em Roma—cada casa patricia tem um altar erguido aos *manes*, para a pratica e culto dos antepassados—e é portando ainda a Morte a dominar. A seguir—vem o Cristianismo com a sua doutrina da immortalidade da alma trazer novas esperanças á Humanidade—que continua a ignorar... Uma coisa preside—em cada época, invariavelmente: o respeito pelos que morrem—e a homenagem sentida ás virtudes que porventura os distinguiram em vida. E' um reconforto para os que ficam e amaram o que morreu—um ensinamento para todos, uma homenagem especial pelo desconhecido, pelo Ignoto... O respeito—sempre.

Erguido em Viena de Austria, existe um monumento ou mausoleu famoso—em honra dum general, onde constam as diversas heroicidades praticadas por ele na célebre guerra dos sete anos. Essa inscripção famosa, termina por estas famosas palavras, bem sentidas—e reveladoras por si—do que a Morte faz de cruel: *Non patria, nec Imperator sed conjux posuit* (Não foi a pátria, nem o imperador, mas sua mulher—quem levantou este monumento).

A Morte é a Dôr—tem só lagrimas para torivamente justificar e viver—e felizes são aqueles que ficam e sabem condignamente soffrer, chorar e esperar—o mesma dia que sempre vem, o unico em que todos o homens são eguaes ..

Porque aquele que diz—à beira da sepultura—ao que desapareceu e a quem muito amou—«até lógo»—é sempre feliz—comparado com aquele que apenas sabe pronunciar as letras secas, descrentes, impias, desta palavra desesperada, eterna—«*adeus*.»

*

*

*

Morreu o Dr. Henrique de Barros Lima, muito novo, quando ainda a vida lhe começava sorrindo... Os jornaes trouxeram-me esta noticia triste para mim—que o conheci, embora de relance. Todas as palavras sentidas—poderiam entretanto parecer banaes, no minuto desgraçado desta amargura, desta hora de lucto. Deus assim o quiz. E porque a morte é um mis-

tério—eu nunca sei quando serão mais felizes—os que morrem...

Saudosamente—por isso—evoco o nome deste distinto clinico—de quem havia ainda tanto a esperar, pelas suas qualidades de saber e de bondade—sem encontrar palavras para consolarem a Dôr de sua Família e perante a qual eu me curvo respeitosamente, como faço sempre perante todas as amarguras irremediaveis desta vida ingrata.

MARCO ANTONIO VIANA.



HOMENAGEM E SAUDADE

Qual ave agoirenta se saindo das profundezas de floresta escura e noites caliginosas batidas pelas tempestades de inverno, e voando por sobre os casais, leva em seu pio fatidico aos espiritos timoratos o receio supersticioso de males que hão de vir, tal a manova triste do falecimento de Henrique de Barros Lima, à medida que ia chegando áqueles que o conheceram e especialmente aos seus amigos, que quasi todos o erantia cobrindo, de luto as almas e denegrindo os corações em grande e desoladora saudade.

E' que ele foi destes raros que souberam vida grangear as mais raiçadas simpatias e mais vivas amizades pelo seu porte austero, não só de homem de bem, mas de bondade, que deixarem o convívio dos que ficam os deixa mergulhados em dôr profunda por uma perda irreparavel.

E quando esses homens, como Henrique, partem na pujança da vida, a dôr, é mais intensa cruciante porque se chora não só aquilo que eles foram, mas ainda as grandes e bem fundadas esperanças do que continuariam, se vissessem, a serem em virtudes de seu proprio character e em benefícios para todos aqueles a quem o seu bondoso coração atingisse.

Barros Lima, quasi jovem ainda, baixou a tumulo cercado da aureola de saudade de todos aqueles que com ele tiveram tracto e esta, representando o perfume que inebriante fica ainda junto das hastes das rosas que foram decepadas no mais intenso da floração, representa igualmente a mais sentida corôa funebre que perpetua estará junto ao seu tumulo, atestando quem foi e

vida aquele que para sempre ali repousa.

Os povos visinhos daqueles logares por onde Henrique passou a vida sempre fazendo bem, hão-de por largo tempo, chora-lo e, ao passarem deante do seu tumulo, descobrir-se-hão respeitosa-mente prestando homenagem ás virtudes do seu character e os amigos que saudosos cá deixou hão-de sentir infindavelmente a perda de um amigo sincero, de alma e coração franco, inquebrantavel homem de bem, encarnação perfeita da virtude e da bondade.

Barcelos.

BERNÁRDINO JUSTINO.



«Faze o bem, deita-o ao mar,
se ninguem o achar, Deus
o achará».

Segundo a norma deste principio foi seguida na terra a vida do Dr. Henrique de Barros Lima.

Fazer o bem, espalhar a felicidade, foi a preocupação constante dessa alma recta e boa, que uma melancolica tarde de outono, pelos dobres tristes dos sinos desta vila, annunciou se tinha evolado para a eternidade.

Morreu o Dr. Henrique de Barros Lima!

Com geral consternação foi recebida a infausta noticia, vendo-se bem expressa no rosto de todos a dor intima que cada um sentia.

O amigo perdia um amigo, o necessitado um protector, o doente um medico modelar, humanitario, atencioso, e todos um character honesto e bondoso.

Todas as classes sociais acorreram á casa enlutada da nobre e distinta familia Barros Lima, a apresentar os seus sentimentos, quer pessoalmente, quer deixando cartões de pêsames, sendo o acompanhamento do povo á ultima morada uma manifestação de pesar nunca vista.

E assim, por ordem de Deus se extinguiu uma vida, que bem precisa era na terra para exemplo de conduta dos outros homens, a quem ele tanto amava.

Semeador do bem, protector dos desvalidos, crendo em Deus na terra, na morte olhou-o—o Alem—como um justo.

Espozende, 11-11-924.

JOÃO MAMOEL MENDES.

NA MÃO DE DEUS...

Meu pobre e bom Henrique: Se como acreditam os antigos, os mortos ouvem—escuta a voz sincera dum amigo leal e certo.

Os homens choram-te porque foste um Bom, que atravessaste os invios caminhos da Vida a semear o Bem.

Emquanto a tua existência correu alegre, bafejada grandemente pelas auras da fortuna—a Vida foi para ti um paraizo. Mas quando a Dôr te avassalou, n'esse calvário cruciante da doença, vi a Morte servir-te de sombra, a acompanhar-te sempre, não te deixando nunca—como um pensamento tenebroso a atenasar a alma.

Mas tu, pobre visionário, não a viste, nem a presentiste senão no derradeiro momento.

Tiveste então a suprema fortaleza, foste olimpico, nem forcejaste por arredar a megéra que te asfixiava, no brutal prazer de destruir a obra que tinha saído boa das mãos de Deus.

Adormeceste na Morte—tranquilo, serêno, com a consciencia satisfeita, pelo Dever cumprido.

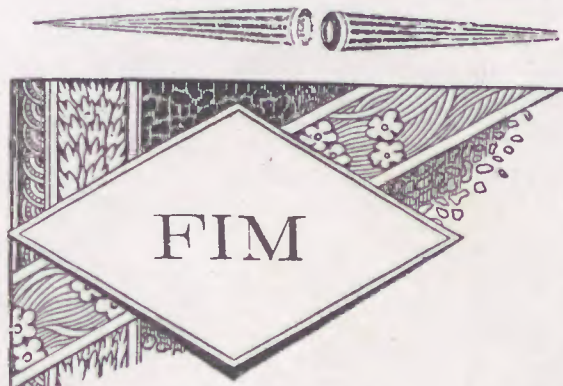
Afinal a Morte não é mais que um segundo estádio da Vida. Hoje, mais que nunca, creio na immortalidade.

.....
Legaste á Natureza a matéria que vestiu e agazalhou o teu espirito gentil, enquanto por sobre a terra na sementeira bendita da Bondade, foi preciso ehcaninhar teus passos.

Quando Deus viu que a obra do bom se-eador estava já a produzir frutos, entendeu por bem chamar-te para junto de si; e assim é que

«na mão de Deus, na sua mão direita
«descançou afinal teu coração.»

MANUEL BOAVENTURA.







HOMENAGEM Á MEMORIA DO

Dr. Henrique de Barros Lima





BMMB



34740000197

IN MEMORIAM

B
Man

Pre

Liv